



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO
A AJÁCIO
POR OCASIÃO DO CONGRESSO
“LA RELIGIOSITÉ POPULAIRE EN MÉDITERRANÉE”

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

DISCURSO DO SANTO PADRE

“Palais des Congrès et d’Exposition d’Ajaccio”
Domingo, 15 de dezembro de 2024

[Multimídia]

Senhor Cardeal,
Prezados irmãos no Episcopado,
Estimados sacerdotes, religiosas e religiosos,
Queridas irmãs e queridos irmãos!

Tenho o gosto de vos encontrar aqui em Ajácio, na conclusão do Congresso sobre a piedade popular no Mediterrâneo, que contou com a participação de numerosos estudiosos e Bispos de França e doutros países.

As terras banhadas pelo Mar Mediterrâneo entraram na história e foram o berço de muitas civilizações que alcançaram um desenvolvimento notável. Recordemos, particularmente, o caso das civilizações greco-romana e judaico-cristã, que atestam a relevância cultural, religiosa e histórica deste grande “lago” no meio de três continentes, deste mar que é único no mundo: o Mediterrâneo.

Não podemos esquecer que na literatura clássica, tanto grega como latina, o Mediterrâneo foi

muitas vezes cenário ideal para o surgimento de mitos, contos e lendas. Para além do facto de o pensamento filosófico e as artes, juntamente com as técnicas de navegação, terem permitido às civilizações do *Mare nostrum* desenvolver uma cultura elevada, abrir vias de comunicação, construir infraestruturas e aquedutos e, mais ainda, sistemas jurídicos e instituições de grande complexidade, cujos princípios básicos continuam ainda hoje válidos e atuais.

Entre o Mediterrâneo e o Oriente Próximo, teve origem uma experiência religiosa muito particular, ligada ao Deus de Israel, que se revela à humanidade e inicia um diálogo incessante com o seu povo, culminando na presença singular de Jesus, o Filho de Deus. Foi Ele que deu a conhecer definitivamente o rosto do Pai, seu e nosso Pai, e que levou a cabo a Aliança entre Deus e a humanidade.

Passaram mais de dois mil anos desde a Encarnação do Filho de Deus e muitas épocas e culturas se seguiram. Em certos momentos da história, a fé cristã inspirou a vida dos povos e as suas próprias instituições políticas, enquanto hoje, especialmente nos países europeus, a questão sobre Deus parece estar a esmorecer e damos connosco cada vez mais indiferentes no que diz respeito à sua presença e à sua Palavra. No entanto, devemos ser prudentes na análise deste cenário, para não nos deixarmos levar por considerações apressadas e conceções ideológicas que, por vezes, ainda hoje, opõem a cultura cristã à cultura laica. E isto é um erro!

Importa, pelo contrário, reconhecer uma abertura recíproca entre estes dois horizontes: os crentes abrem-se com serenidade cada vez maior à possibilidade de viver a sua fé sem a impor, de a viver como fermento na massa do mundo e dos ambientes em que se encontram; e os não crentes ou aqueles que se afastaram da prática religiosa não são alheios à procura da verdade, da justiça e da solidariedade e, muitas vezes, mesmo não pertencendo a qualquer religião, trazem no coração uma sede maior, uma procura de sentido que os leva a interrogar o mistério da vida e a procurar valores fundamentais para o bem comum.

É precisamente neste quadro que podemos compreender a beleza e a importância da piedade popular (cf. São Paulo VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 48). Foi São Paulo VI a “alterar o nome”: na *Evangelii nuntiandi* muda de “religiosidade” para “piedade” popular. Por um lado, ela recorda-nos a Encarnação como fundamento da fé cristã, a qual se exprime sempre na cultura, na história e nas línguas dum povo e se transmite através dos símbolos, costumes, ritos e tradições duma comunidade viva. Por outro lado, a prática da piedade popular atrai e envolve também pessoas que estão no limiar da fé, que não a praticam assiduamente e que, mesmo assim, encontram nela a experiência das suas próprias raízes e afetos, juntamente com ideais e valores que consideram úteis para a sua própria vida e para a sociedade.

Ao exprimir a fé com gestos simples e uma linguagem simbólica enraizada na cultura do povo, a piedade popular revela a presença de Deus na carne viva da história, fortalece a relação com a Igreja e torna-se muitas vezes oportunidade de encontro, intercâmbio cultural e festa. É curioso:

uma piedade que não seja festiva não tem “bom odor”, não é uma piedade que vem do povo, é demasiado “destilada”. Neste sentido, as suas práticas dão corpo à relação com o Senhor e aos conteúdos da fé. A este propósito, gosto de recordar uma reflexão de Blaise Pascal que, num diálogo com um interlocutor fictício, para o ajudar a compreender como chegar à fé, diz não ser suficiente multiplicar as provas da existência de Deus ou fazer esforços intelectuais; antes, é preciso olhar para aqueles que já progrediram no caminho, porque eles começaram com pequenos passos, “tomando água benta, mandando rezar missas” (*Pensieri*, in *Opere complete*, Milano, 2020, n.º 681). Os pequenos passos que te fazem avançar. A piedade popular é uma piedade que se envolve com a cultura, mas não se confunde com a cultura. E dá pequenos passos.

Eis, portanto, algo que não deve ser esquecido: «Na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se», e, por isso, nela «subjaz uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo» (Exor. ap. *Evangelii gaudium*, 123; 126), que age no santo Povo de Deus e o faz seguir em frente nos discernimentos quotidianos. Pensemos no diácono Filipe, pobrezinho, que um dia foi conduzido [pelo Espírito] num caminho e escutou um pagão, um servo da rainha Candace da Etiópia, a ler o profeta Isaías, mas não compreendia nada. Aproximou-se: “Compreendes?” – “Não!”. E anunciou-lhe o Evangelho. Aquele homem, que recebeu a fé naquele momento, ao chegar a um lugar onde havia água perguntou: “Diga-me, Filipe, pode batizar-me agora, aqui que há água?”. E Filipe não lhe disse: “Não, tem de fazer o curso, deve trazer os padrinhos, ambos casados na Igreja, tem de fazer isto...”. Não! Batizou-o. O Batismo é precisamente o dom da fé que Jesus nos dá.

Devemos estar atentos a fim de que a piedade popular não seja utilizada, instrumentalizada por associações que pretendem reforçar a sua própria identidade de forma polémica, alimentando particularismos, contraposições, atitudes de exclusão. Tudo isto não responde ao espírito cristão da piedade popular e interpela todos, especialmente os pastores, a vigiar, discernir e promover uma atenção contínua às formas populares da vida religiosa.

Quando a piedade popular consegue comunicar a fé cristã e os valores culturais de um povo, unindo os corações e amalgamando uma comunidade, então nasce um fruto importante, que incide em toda a sociedade e também nas relações entre as instituições políticas, sociais e civis e a Igreja. A fé não permanece um fenómeno privado – devemos estar atentos a este desenvolvimento, diria, herético da privatização da fé; os corações unem-se e avançam... –, um facto que se esgota no sacrário da consciência, mas – se pretende ser plenamente fiel a si mesma – implica um compromisso e um testemunho diante de todos, em prol do crescimento humano, do progresso social e do cuidado do meio ambiente, sob o signo da caridade. Precisamente por isso, a partir da profissão da fé cristã e da vida comunitária animada pelo Evangelho e pelos Sacramentos, surgiram ao longo dos séculos inúmeras obras de solidariedade e instituições, como hospitais, escolas, centros de assistência – em França são muitas! –, nas

quais os crentes se comprometeram em favor dos necessitados e contribuíram para o crescimento do bem comum. A piedade popular, as procissões e as orações, as atividades caritativas das confrarias, a oração comunitária do santo Rosário e outras formas de devoção podem alimentar esta – permito-me de a qualificar assim – “cidadania construtiva” dos cristãos. A piedade popular dá-te uma “cidadania construtiva”!

Por vezes, alguns intelectuais, alguns teólogos não compreendem isto. Lembro-me que uma vez fui uma semana ao norte da Argentina, a Salta, onde se festeja o Señor de los Milagros, o Senhor dos Milagres. Toda a região se dirige para o Santuário e confessam-se todos, desde o Presidente da Câmara a toda gente, porque têm esta piedade dentro de si. Eu ia sempre para confessar, e era um trabalho intenso, uma vez que todas as pessoas se confessam. Um dia, ao sair, encontrei um sacerdote que conhecia: “Oh, estás aqui, como estás?” – “Bem!”... E naquele momento, enquanto saíamos, aproximou-se uma senhora com pagelas de santos na mão e disse ao sacerdote, um grande teólogo: “Padre, benze-as?”. O sacerdote, com uma grande teologia, diz-lhe: “Mas, a senhora esteve na Missa?” – “Sim, *padrecito*” – “E a senhora sabe que no final da Missa se abençoa tudo?” – “Sim, *padrecito*”. “E a senhora sabe que a bênção de Deus vem da sua parte?” – “Sim, *padrecito*”. Naquele momento, um outro padre chamou-o: “Oh, como estás?”. E a senhora, que tinha dito tantas vezes “sim, *padrecito*”, dirige-se àquele: “Padre, abençoa-mas?”. Trata-se de uma cumplicidade, uma santa cumplicidade que procura a bênção do Senhor e não aceita generalizações.

Ao mesmo tempo, no terreno comum desta audácia de fazer o bem, de pedir a bênção, os crentes podem redescobrir-se num caminho partilhado também com as instituições laicas, civis e políticas, para trabalharem em conjunto ao serviço de todas as pessoas, a começar pelos mais pequenos, por um crescimento humano integral e pela custódia desta “*Île de beauté*”.

Daí a necessidade do desenvolvimento de um conceito de laicidade que não seja estático e rígido, mas evolutivo e dinâmico, capaz de se adaptar a situações diversas ou imprevistas, e de promover uma cooperação constante entre as autoridades civis e eclesiais para o bem da comunidade inteira, cada uma dentro dos limites da sua própria competência e do seu próprio espaço. [Bento XVI](#) afirmou: uma sã laicidade «significa libertar a religião do peso da política e enriquecer a política com o contributo da religião, mantendo entre ambas a distância necessária, a distinção clara e a colaboração indispensável. [...] Uma tal laicidade sã garante à política agir sem instrumentalizar a religião e à religião viver livremente sem se tornar pesada à política impondo-lhe interesses pouco conformes ou mesmo contrários à crença religiosa. Este é o motivo pelo qual a sã laicidade (unidade-distinção) é necessária e mesmo indispensável a ambas» (Exort. ap. [Ecclesia in Medio Oriente](#), 29). Assim [Bento XVI](#): uma sã laicidade, mas ao lado uma religiosidade. Respeitam-se os campos.

Desta forma, sem preconceitos nem oposições de princípio, poderão ser disponibilizadas mais energias e sinergias num diálogo aberto, franco e fecundo.

Caríssimas irmãs e irmãos, a piedade popular, muito enraizada aqui na Córsega – e não é superstição –, faz emergir os valores da fé e, ao mesmo tempo, exprime o rosto, a história e a cultura dos povos. É neste cruzamento, sem confusão, que se concretiza o diálogo constante entre o mundo religioso e o mundo laico, entre a Igreja e as instituições civis e políticas. Sobre este tema, há muito tempo que fazeis caminho, é uma tradição vossa, e sois um exemplo virtuoso na Europa. Continuai em frente! E gostaria de encorajar os jovens a participarem ainda mais ativamente na vida sociocultural e política, com o impulso dos ideais mais sãos e com a paixão pelo bem comum. De igual modo, exorto os pastores e os fiéis, os políticos e os responsáveis públicos a permanecerem sempre próximos do povo, escutando as suas necessidades, compreendendo os seus sofrimentos, interpretando as suas esperanças porque, qualquer que ela seja, a autoridade só cresce na proximidade. Os pastores devem possuir esta proximidade: proximidade com Deus, proximidade com os outros pastores, proximidade com os sacerdotes, proximidade com os povos, que são tão próximos. Estes são os verdadeiros pastores. Mas o pastor que não possui esta proximidade, nem sequer à história e à cultura, é simplesmente “*Monsieur l’Abbé*”. Não é um pastor. Devemos distinguir estes dois modos de fazer pastoral.

Desejo que este Congresso sobre a piedade popular vos ajude a redescobrir as raízes da vossa fé e vos impulsione a um renovado compromisso na Igreja e na sociedade civil, ao serviço do Evangelho e do bem comum de todos os cidadãos.

Que Maria, Mãe da Igreja, vos acompanhe e vos assista no vosso caminho. Muito obrigado!